



Infância atípica: a inclusão através da arte

Jovanka Soares Monteiro Lopes

Fonoaudióloga. Mestre em Saúde da Mulher e da Criança. Especialista em Desenvolvimento Infantil/UFC. Fonoaudióloga do Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce - NUTEP/UFC.



Fabiane Elpídio de Sá Pinheiro

Fisioterapeuta. Doutora em Educação. Docente do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Vice-presidente do Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce - NUTEP. Coordenadora do Centro de Estudos do NUTEP.



O nascimento de uma criança traz uma nova realidade à família, realidade essa que precede a concepção, quando nasce uma mãe/pai, nasce um bebê. Nesse contexto, os pais se preparam para a chegada do bebê. Daí começam a pensar sobre o sexo do bebê, e mesmo investindo muito afeto e carinho, deparam-se com inúmeras experiências no tocante as mudanças fisiológicas, psicológicas, sociais e culturais, além das expectativas, idealizações e projeções.

Na tentativa de interagir com o filho idealizado, muitos pais cantam para seus filhos ou até mesmo passam a ouvir música,

partilhando vivências, estimulando seu futuro bebê, tendo a expressão artística um importante papel para essa interação mãe/pai e bebê, assim como, para o desenvolvimento.

Quando é chegado o nascimento, alguns eventos adversos podem surgir e em algumas situações, o diagnóstico de paralisia cerebral ou de síndrome, pode deixar os pais perplexos. Mais uma vez, os pais podem proporcionar a seu bebê, experiências sensoriais e motoras através de brinquedos musicais, cantando músicas de ninar, oferecendo-lhe brinquedos com texturas variadas, pois agora seu bebê encontra-se numa fase de

intensos processos neurofisiológicos, numa janela de oportunidades nas quais as transformações serão impactantes ao neurodesenvolvimento.

O aprendizado de músicas infantis, as diversas atividades com pinturas, massa de modelar, recortes e colagens, dança, contação de estórias infantis, teatro de fantoches, dentre outras atividades são experiências enriquecedoras e fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional, aquisições de fala e linguagem, bem como, para a motricidade grossa e fina, sendo a produção artística um papel sine qua non, ativando os neurotransmissores e a





atenção sustentada, formando as diversas conexões cerebrais, influenciando sobremaneira o neurodesenvolvimento.

Na primeira infância a arte através do lúdico possibilita as descobertas necessárias para que a criança realize uma exploração ativa do ambiente, através dos diversos canais sensoriais, que por sua vez possibilita experiências motoras necessárias para a aquisição de uma locomoção com independência. Assim sendo, esse recurso é um elo facilitador ao neurodesenvolvimento da criança, como já o era em sua vida intrauterina, favorecendo a criatividade, auto expressão e pensamento crítico, refletindo sobre os costumes e valores sociais.

A construção da identidade individual e coletiva perpassa pela arte, não sendo apenas uma ferramenta importante para o neurodesenvolvimento, mas também, um instrumento de inclusão social. Daí a importância da inserção das crianças com deficiência para rupturas de paradigmas e superação de obstáculos favorecendo suas possibilidades.

Destarte, adaptações podem ser necessárias para crianças neurodivergentes, de acordo com as potencialidades de cada criança, para que ressignificações sejam pensadas, sendo a arte uma ferramenta terapêutica utilizada por todos os profissionais que atuam na reabilitação infantil.

Muitas crianças com rigidez comportamental

podem se beneficiar através de recursos artísticos com estratégias que facilitem a autorregulação, utilizando os diversos canais sensoriais por meio de atividades com argila, colagem, pintura, desenho, música, contação de estória. Já nas crianças com perdas auditivas a percepção, discriminação e localização do som são habilidades fundamentais a serem vivenciadas, facilitando os processos de decodificação e interpretação dos diversos estímulos auditivos como o chocalho, tambor e apito. Em situações adversas, crianças surdas fazem uso de experiências táteis, com diferentes texturas, buscando um novo aprendizado, assim como as crianças com cegueira que conseguem se autorregular e ter uma locomoção com autonomia, “enxergando” através do tato e da audição, ler textos escritos em Braille e se beneficiarem do recurso da audiodescrição. Crianças com dificuldades de deambulação decorrente de sequelas motoras de paralisia infantil ou de paralisia cerebral, aquelas usuárias de prótese de membro inferior e/ou usuárias de cadeira de rodas, podem se beneficiar com a dança enquanto recurso auxiliar para o desenvolvimento dos aspectos afetivo, social, cognitivo, psicomotor e terapêutico, favorecendo uma melhor qualidade de vida, facilitando a expressão corporal e dos sentimentos.

Pesquisas atuais sobre a arte e a deficiência se inserem em diversos campos de conhecimento, norteando práticas baseadas em evidências, inserindo





Histórias assim também ocorreram com o artista plástico brasileiro, Daniel Ferreira, que apoiado pelos pais produz telas de arte com os pés, ou as faz utilizando a boca para conseguir a apreensão do pincel. Superando com a ajuda da família suas limitações motoras e de fala decorrentes de asfixia neonatal, Emílio Figueira, utiliza a tecnologia assistiva, com auxílio de um teclado adaptado, para digitar, expressando através da palavra escrita, sua arte.

No cenário nacional, vários atores e atrizes com deficiência se destacam como Danieli Haloten, Juliana Caldas, Manuela Trigo, Ariel Goldenberg, Joana Mocarzel, Vitoria Pabst e desde muito cedo seus pais estiveram envolvidos no processo de habilitação e reabilitação, reconhecendo a importância da presença da família. Nesses casos, a arte permite o funcionamento e interações familiares saudáveis.

A contribuição da arte para o desenvolvimento infantil com o uso de recursos visuais, auditivos, táteis e motores, promove experiências que contribuem para a criatividade e dignidade da pessoa, permitindo-lhe ter confiança nos próprios atos e pensamentos. A arte tem o poder universal de explorar a imaginação e as habilidades, portanto é preciso explorar as potencialidades da infância através da arte.



a família no processo de cuidado e tomada de decisão. Não teria sido assim para os pais do cantor, compositor, multi-instrumentista e produtor musical estadunidense, acometido por retinopatia da prematuridade, Stevie Wonder? Ou do tenor, compositor e produtor musical italiano que nasceu com glaucoma congênito, Andrea Bocelli? Com certeza não foi diferente para os pais do cantor, compositor, músico, arranjador e produtor musical cearense, David Valente, nascido com uma deficiência físico-motora congênita em membros superiores, com os pés tocando piano e sanfona.

No verão de 2003, um jogador de hóquei de onze anos chamado Jared começou a perder a visão nos dois olhos. O mundo estava ficando escuro, lentamente para Jared. Tinha acabado de receber o diagnóstico de uma enfermidade chamada neuropatia óptica hereditária de Leber (Leber hereditary optic neuropathy, LHON). A doença avança de maneira inexorável nas crianças afetadas. De início, as fibras nervosas ao longo do disco óptico começam a inchar. Então o nervo óptico se atrofia, e os nervos da retina afinam e perdem o brilho.

Mas o pai, por mais que tentasse, não pôde dar um jeito. As células ganglionares de Jared começaram a falhar. Espertamente, os pais desviaram a atenção do garoto para o violão. Ele aprendeu a tocar só pelo toque e pelo som. E enquanto a cegueira avançava – de maneira gradativa, mas implacável –, o mesmo se deu com a música. Jared tinha perdido a visão e achado o som¹.



¹ Mukherjee, Siddhartha. The Song of the Cell: An Exploration of Medicine and the New Human. Scribner; First Edition (October 25, 2022).

